

## 537 alvarás autorizam exploração

"A Funai antes era um antro de corrupção, hoje é apenas um órgão meramente político, onde nós índios não temos representação alguma nas decisões tomadas". Assim Marcos Terena, assessor da Funai, posicionou-se a propósito do relacionamento índio-Funai.

"Nós nunca fomos ouvidos quando se pretendia conceder um alvará de pesquisa mineral a uma empresa", disse Terena. "Nossos problemas são tratados dentro dos gabinetes oficiais. Os índios são vistos como crianças. O Estatuto do Índio não nos dá direito nenhum. As poucas leis que existem não são cumpridas".

O Departamento Nacional de Produção Mineral — DNPM — expediu recentemente, segundo revela a pesquisa do CONAG — Coordenação dos Geólogos e do CEDI — Centro Ecumênico de Documentação e Informação — 537 alvarás de pesquisas minerais. Esses alvarás atingem 77 dos 302 área indígena da Amazônia num total de mais de 17 milhões de hectares.

A pesquisa também revela que 50 por cento dos alvarás expedidos (268) atende a interesses de grupos privados nacionais (dentre eles o Brumadinho e a Paranapanema). Quarenta por cento (215) são para grupos multinacionais (Anglo-América, da África do Sul; e Brscan, do Canadá), e atende ainda a 54 empresas estatais.

### DOS BRASILEIROS

As comunidades indígenas, no entanto, não foram ouvidas sobre o assunto. "O problema das terras indígenas não é do missionário, da CONAG, do CEDI e do CIMI, mas, de todos os brasileiros. Enquanto empresas multinacionais são beneficiadas com nossas riquezas, ficamos a ver navios".

Outro grande problema do índio, que Marcos Terena acha ser o principal, é a Constituinte. "Nossa preocupação é muito grande. Não temos como eleger um índio que vá defender nossos direitos. Essa Constituinte será dos ricos. Não terá representação para atingir os anseios do povo brasileiro".

"A Constituinte preocupa-me, não só pelo problema do índio, (temos apenas cinco índios candidatos em todo o Brasil), mas principalmente por ser brasileiro como você, como a mulher que vê seus direitos diminuídos. Nessa eleição o que prevalece mesmo é o poder financeiro e ninguém irá para a Constituinte preocupado com os problemas das minorias".

Terena diz não saber nem mesmo se a nova Constituição a ser elaborada poderá resolver parte dos problemas indígenas. "De que adianta serem feitas leis e mais leis, se na hora de serem cumpridas não aparece ninguém para fazer isso?" Para ele, as terras são demarcadas, depois o DNPM libera alvarás para as empresas pesquisarem. Dentro de pouco tempo essas terras são invadidas e ninguém respeita o Estatuto do Índio.

Outro sério problema que os índios enfrentam, segundo Terena, é a conscientização de todas as tribos. "Nossa cultura é muito heterogênea. Eu sou Terena, meu irmão ali (mostra um índio Tukano funcionário da Funai no Amazonas) é Tukano. Fica muito difícil unirmos forças para lutar pelo mesmo objetivo".

"Falo uma língua. Meus irmãos de outras tribos falam outras línguas. Então temos um trabalho muito lento de conscientização. É duro para mim morar em Brasília, ter o que comer e saber que muitos irmãos na minha própria aldeia, só tem farinha em casa. Por isso lutamos pelas nossas terras".

Marcos Terena pondera ainda que o índio não quer dinheiro nem ficar rico. Apenas quer suas terras para viver em paz. "Muitos brancos acham que somos selvagens por pegarmos em armas e lutarmos por nossos direitos. Isso só vem mostrar a união que temos em busca da melhoria de toda a sociedade indígena".

"Hoje estou em Brasília, mas se for preciso pegar nas armas e lutar pelos meus irmãos índios eu irei. Enquanto que o branco vive nos gabinetes e é incapaz de lutar pela melhoria de seu povo. Por isso, essa é a hora de índios, negros, brancos, homens e mulheres unidos lutarem por um país melhor. Somos uma nação brasileira e estamos vendo nossas riquezas serem levadas a troco de banana".